



Brasília, domingo, 2 de novembro de 1986

Nas eleições do próximo dia 15, sete candidatos de Brasília usarão o esporte para vencer nas urnas. Segundo o médico ortopedista Flory Machado, este fato vai apenas levar o futebol do DF, que até agora não criou tradição, a passar a sofrer de mais um grande mal, o da politicagem. Apesar de falta de estímulo nos estádios, os diversos candidatos estão certos que poderão transformar os raros gritos de gol nos votos necessários para levar cada um deles ao plenário da próxima Assembléia Constituinte. E pagar para ver.

# Quantos votos rendem o grito de Gol?

CELSON FRANCO  
Da Editoria de Política

"O futebol é feito de vitórias, derrotas e empates". A frase do presidente do Sobradinho, Benoni Beltrão, que não prima pela originalidade, pode refletir apenas o que ocorre durante os noventa minutos de jogo. Porque o futebol, especialmente no Brasil, é feito de muitas outras coisas, principalmente de política. Ou politicagem, como preferem alguns, baseados em anos e anos de desmandos dos dirigentes do nosso "esporte bretão".

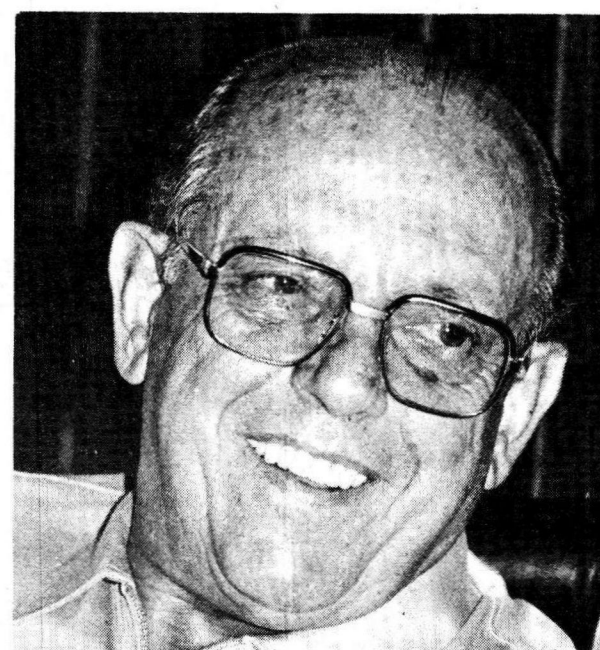
O futebol de Brasília, cujo maior drama é a falta de tradição, ociosa que não se cria de um dia para o outro, esteve até agora imune à doença da politicagem, segundo o médico ortopedista Flory Machado, que assistiu a praticamente todos os times da cidade.

Não é mais o caso. As eleições no Distrito Federal criaram, afirma ele, a figura do lobista dentro do futebol, aquele que apenas quer se aproveitar do esporte, do futebol principalmente, para fazer sua carreira política.

Os fatos começam a dar razão a Flory Machado. As primeiras eleições de Brasília registram sete candidatos ligados ao esporte: Wilson de Andrade, presidente da FMF durante seis mandatos; Ruy Telles, dois mandatos; Humberto Pires, vice-presidente de Comunicação da FMF; Osvaldo Pimentel, vice-presidente da FMF e ex-presidente do Gama; Mário Pereira, relações públicas da FMF; Alberto Peres, ex-presidente do CEUB; Benoni Beltrão, presidente do Sobradinho.

## VOTOS

A bola anda meio murcha nos gramados do Pla-



Alberto Peres

nalto Central, mas cheia o bastante para fazer acreditar a diversos candidatos que os gritos de gol nos estádios de Brasília, mesmo raros, poderão se transformar nos votos necessários a levar cada um deles ao plenário da Constituinte.

É o caso de Ruy Telles, subtenente do Exército e ex-presidente da Federação Metropolitana de Futebol, que sonha com os 300 mil votos que afirma fluírem nos estádios, nos campos de pelada, nas piscinas e nas quadras de vôlei, futebol de salão e basquete. Do esporte, ele não sabe quantos votos terá. Mas anota como certos cinco mil votos dos militares. Uma vantagem razoável em relação aos outros candidatos. Outra: Ruy Telles comanda todos os domingos, na TV Capital, o programa "O Mundo da Bola na Capital". Ele tem registro de radialista, conseguiu, criticam seus "cole-

gas", não se sabe como. Mesmo assim, radialista devidamente registrado, não consegue entrar na Associação Brasiliense dos Cronistas Desportivos, por motivos que a diretoria da ABCD prefere não tornar públicos. De qualquer forma, todos sabem que suas relações com a imprensa são péssimas, porque ele costuma ameaçar jornalistas de processo na Justiça (sem êxito).

Candidato pelo PDS, Ruy Telles diz que "não chego a ser um liberal, mas aceito todas as correntes, desde que tenham como fim o bem do País". Ele pretende "tornar obrigatória a prática desportiva para todas as crianças, sob pena do pai ser responsabilizado se o garoto fugir à prática do esporte".

Passou praticamente a vida inteira no mundo do esporte — é ele quem afirma isso. Ruy Telles diz que não é um pára-quedista no

mundo da política. E tem razão: foi presidente de grêmio estudantil, quando cursava o segundo grau, e depois, na faculdade, foi presidente da Associação Atlética Acadêmica.

Em sua carreira política, Ruy Telles pretende agora ser deputado Constituinte. Na carreira desportiva, só lhe falta uma coisa, que ele pretende conseguir: ser presidente da Confederação Brasileira de Futebol, a famigerada CBF. E a trará para Brasília, afirma.

## CACHAÇA

Outro candidato desportista é Wilson de Andrade, dono da Casa do Atleta e presidente da Federação Metropolitana de Futebol durante seis mandatos. Seria candidato do PMDB à Câmara, mas teve que abrir mão para Márcia Kubitschek. Acabou entrando no lugar de Múcio Athayde. Seu maior orgulho: ser jornalista e advogado.

Wilson, para quem "o esporte sempre foi uma chachaça", diz que "toda vida gostei muito de política". Compara sua existência a um pau-de-sebo: "Quando estou para colocar a mão na bandeira acabo escorregando. Mas sou muito persistente e não desisto fácil das coisas".

Por isso acredita em sua eleição, apesar de muitos considerarem sua candidatura uma tarefa suicida, outros heróica. Ele, particularmente, qualifica-a de corajosa. Mas com uma grande vantagem: "Eu tive uma militância profícua no esporte. Construí um estádio para 40 mil pessoas, quando Brasília não tinha nada. E construí na unha, na marra".

Wilson de Andrade defende a criação de uma Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo no Distrito Federal, e acredita que "o futebol de Brasília só vai se desenvolver quando os filhos da cidade estiverem jogando, quando tivermos política no Distrito Federal, quando tivermos indústrias



Mário Pereira

na região do Entorno. As duas primeiras coisas já estão acontecendo".

Defende também a preservação de áreas exclusivas para a prática do esporte, "para que não aconteça aqui o que ocorreu no Rio e em São Paulo, onde a especulação imobiliária ocupou todas as áreas, acabando inclusive com os campos de pelada".

Benoni Beltrão, presidente do Sobradinho e candidato à suplência de Pompeu de Souza, é fundador e presidente do PMDB na cidade de Sobradinho. Apesar das derrotas, a última delas por cinco a zero, acredita que a presença de seu time no campeonato nacional lhe trará alguns votos. Sobre os resultados negativos, ele não tem outra explicação: "O futebol é feito de vitórias, derrotas e empates".

O otimismo dos candidatos desportistas não é infundado, principalmente quando se fala de amadorismo. Só em Ceilândia há 300 times de futebol. O Distrito Federal, todo, tem cerca de 600 times de pelada.

da, devidamente organizados.

## MARACANÁ

Para quem não pensa em política, como o massagista do Sobradinho, Raimundo Ribeiro Campos, o popular "marreta", isso é muito pouco. Ele diz que "é preciso trabalhar as divisões inferiores, criar escolas sérias de futebol infantil, cuidando da educação e alimentação da garotada. Esse é o meu sonho".

Marreta está em Brasília há 28 anos, e lembra com saudade dos tempos do Defelê, Rabelo, Coenge, Pederneras, times formados entre os peões das empresas de construção civil, que levavam para os campos de terra batida os candangos que trabalhavam até o meio-dia de domingo: "Era a única ociosa que havia pra fazer".

Naquela época, conta Marreta, "o futebol em Brasília era mais vibrante, havia mais participação, havia torcida". Hoje, com o Sobradinho, ele vê a possibilidade de uma nova fase para o futebol do Distrito Federal, a partir das cidades-satélites, que "os meninos do Plano Piloto estão ocupados com outras coisas".

Não só os meninos, os adultos também. O goleiro Bocaíuva, do Sobradinho, diz que "é muito difícil criar uma mentalidade mais voltada para o futebol no Plano Piloto". E observa que o Estádio Mané Garrincha, quando esteve aqui o Vasco, "mais parecia o Maracanã, só tinha bandeira do Vasco e do Fluminense".

Os dois, Marreta e Bocaíuva, acham válido o surgimento de candidaturas ligadas ao esporte. Mesmo porque, conclui o massagista do Sobradinho, "quem faz esporte é mais aberto, quem nunca fez esporte na vida, a gente não pode nem confiar nele, não é mesmo".



Wilson Andrade